

*Interrogado pelos fariseus sobre quando vem o reino de Deus, em resposta, disse-lhes: o reino de Deus não vem de modo visível.*

---

**Lucas 17:20**

## Vinda do reino

Os agrupamentos religiosos no mundo permanecem, quase sempre, preocupados pelas conversões alheias. Os crentes mais entusiastas anseiam por transformar as concepções dos amigos. Em vista disso, em toda parte somos defrontados por irmãos aflitos pela dilatação do proselitismo em seus círculos de estudo.

Semelhante atividade nem sempre é útil, porquanto, em muitas ocasiões, pode perturbar elevados projetos em realização.

Afirma Jesus que o reino de Deus não vem com

aparência exterior. É sempre ruínosa a preocupação por demonstrar pompas e números vaidosamente, nos grupos da fé. Expressões transitórias de poder humano não atestam o reino de Deus. A realização divina começará do íntimo das criaturas, constituindo gloriosa luz do templo interno. Não surge à comum apreciação, porque a maioria dos homens transitam semicegos, por intermédio do túnel da carne, sepultando os erros do passado culposos.

A carne é digna e venerável, pois é vaso de purificação, recebendo-nos para o resgate preciso; entretanto, para os espíritos redimidos significa “morte” ou “transformação permanente”. O homem carnal, em vista das circunstâncias que lhe governam o esforço, pode ver somente o que está “morto” ou aquilo que “vai morrer”. O reino de Deus, porém, divino e imortal, escapa naturalmente à visão dos humanos.

*(Caminho, verdade e vida. FEB Editora. Cap. 107)*

## Civilização e reino de Deus<sup>54</sup>

A Terra de hoje reúne povos de vanguarda na es-

fera da inteligência.

Cidades enormes são usadas, à feição de ninhos gigantescos de cimento e aço, por agrupamentos de milhões de pessoas.

A energia elétrica assegura a circulação da força necessária à manutenção do trabalho e do conforto doméstico.

A Ciência garante a higiene.

O automóvel ganha tempo e encurta distâncias.

A imprensa e a radiotelevisão interligam milhares de criaturas num só instante, na mesma faixa de pensamento.

A escola abrilhanta o cérebro.

A técnica orienta a indústria.

Os institutos sociais patrocinam os assuntos de previdência e segurança.

O comércio, sabiamente dirigido, atende ao consumo com precisão.

Entretanto, estaremos diante de civilização impecável?

À frente desses empórios resplendentes de cultura e progresso material, recordemos a palavra dos instrutores de Allan Kardec, nas bases da Codificação do Espiritismo.

Perguntando a eles “por que indícios se pode reconhecer uma civilização completa”, através da questão 793, constante de *O livro dos espíritos*, deles recolheu a seguinte resposta:

“Reconhecê-la-eis pelo desenvolvimento moral. Credes que estais muito adiantados, porque tendes feito grandes descobertas e obtido maravilhosas invenções; porque vos alojais e vestis melhor do que os selvagens. Todavia, não tereis verdadeiramente o direito de dizer-vos civilizados, senão quando de vossa sociedade houverdes banido os vícios que a desonram e quando viverdes, como irmãos, praticando a caridade cristã. Até então, sereis apenas povos esclarecidos, que hão percorrido a primeira fase da civilização.”

Espíritas, irmãos! Rememoremos a advertência do Cristo, quando nos afirma que o reino de Deus não vem até nós com aparências exteriores; para edificá-lo, não nos esqueçamos de que a Doutrina Espírita é

luz em nossas mãos. Reflitamos nisso.

(*Entre irmãos de outras terras*. FEB Editora. Cap. 8)

## Enquanto<sup>55</sup>

Dominarás a gramática, adquirindo fino labor verbalista, na ciência da expressão, mas, enquanto não articulares a própria linguagem na luz da sinceridade e da compreensão, a tua palavra, conquanto primorosa, não renovará a ninguém.

Indicarás a trilha exata da beneficência, através de preciosos conselhos, mas, enquanto não te dispuseres a percorrer a estrada do desprendimento, no auxílio aos semelhantes, embora ajudes indiretamente a quem te ouça, andarás órfão de teus próprios avisos.

Pregarás tolerância, movimentando conceitos sublimes, mas, enquanto não deres de ti mesmo, em abnegação e humildade, na desculpa que ofertas, não farás claridade no coração, a fim de acertar com o próprio caminho.

Levantarás magnificentes construções terrestres, mas, enquanto não ergueres em ti próprio o templo da paz, alicerçado no dever nobremente cumprido, não encontrarás em teu benefício o pouso interior da genuína tranquilidade.

Honrarás os teus familiares e amigos por seres extremamente queridos, mas, enquanto não compreenderes que as esperanças e as necessidades deles são iguais às do próximo, com o mesmo direito à bênção de Deus, não conquistarás, em favor de ti, a cidadania do universo.

Desfrutarás admiração e apreço, com espetáculos de prestígio e renome, mas, enquanto essas realizações não te reperculirem na vida íntima, em forma de alegria oculta pelas obrigações irrepreensivelmente atendidas, ainda mesmo à custa de supostos fracassos e prejuízos, no campo das experiências materiais, nenhuma demonstração de estima pública te adiantará no reino do espírito, onde, em verdade, se te vincula a vida real.

Melhoremos o mundo em derredor de nós, aperfeiçoando a nós mesmos. Capacita-te de que, depois das tarefas executadas no plano físico, possuirás tão



somente a extensão e a quantidade de céu que houveres edificado dentro de ti.

(*Reformador*, jan. 1967, p. 2)

## **Autoentrevista**<sup>56</sup>

Veza por outra, convém tomar o caderno de notas e rumar para dentro de nós mesmos, efetuando uma autoentrevista, a fim de sabermos em que posição se nos situa a personalidade, na soma integral de nossas tendências mais íntimas:

quem somos verdadeiramente para lá da genética humana e das documentações cartorárias do mundo, na condição real de filhos de Deus, em provisório serviço no campo da evolução terrestre;

para que objetivos nos dirigimos;

que fazemos do tempo;

se nos achamos hoje com menos débito e mais crédito do que ontem, perante as Leis eternas;

se já recolhemos dificuldades e proações por reais benefícios;

se procuramos renovar-nos constantemente, em espírito, para fazer o melhor ao nosso alcance;

o que estamos produzindo, a favor do próximo, seja no trabalho remunerado ou na atividade gratuita das boas obras;

se já sabemos esquecer as ofensas alheias, tanto quanto desejamos que as nossas sejam esquecidas;

se o nosso entusiasmo é invariável, na prática do bem.

Nós, que nos interessamos tão vivamente pelo noticiário de cada dia, acerca do que vai acontecendo no mundo, de quando em quando realizemos uma entrevista com o nosso próprio espírito e estejamos convencidos de que recolhemos as mais importantes informações para orientar-nos com segurança e êxito, na viagem de aperfeiçoamento, em que nos encontramos, descobrindo gradativamente o reino do Senhor, em nós mesmos, ante a Espiritualidade maior.

(*Reformador*, dez. 1967, p. 266)

---

<sup>56</sup> Texto publicado em *Ceifa de luz*. FEB Editora. Cap. 36.

*Segue-me...!* Ed. O Clarim. Cap. “Luz em nossas mãos”, com pequenas alterações.

☞ Texto publicado em *Bênção de paz*. Ed. GEEM. Cap. 37.

☞ Texto publicado em *Bênção de paz*. Ed. GEEM. Cap. 39, com pequenas alterações.